



O Jornalismo Investigativo na Mídia Impressa: Análise do Massacre em Realengo nas Revistas *Época*, *IstoÉ* e *Veja*¹

Andrêssa dos Santos PEREIRA²
Luiz Cézar Cordeiro CESARIO³
Vanessa Alves DUARTE⁴

Ana Cristina SPANNENBERG⁵

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

RESUMO

O jornalismo investigativo é uma técnica que envolve ampla apuração, utilização de várias fontes para compor e contrapor argumentos, além da busca por documentos. Neste artigo, objetivamos analisar os métodos utilizados no jornalismo investigativo na mídia impressa a partir destes pressupostos e tendo como objeto de estudo a cobertura investigativa das revistas de circulação semanal *Época*, *IstoÉ* e *Veja* sobre o chamado “Massacre em Realengo”. Para tanto, neste artigo, é feita uma revisão teórica acerca dos conceitos e características inerentes do jornalismo investigativo, bem como levantamento de métodos para análise das reportagens nos veículos mencionados.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Investigativo; Mídia Impressa; Métodos investigativos.

1. INTRODUÇÃO

É possível definir o Jornalismo Investigativo como sendo a prática ou exercício de reportagem especializada em revelar mistérios e fatos desconhecidos do grande público, principalmente crimes e casos de corrupção que podem eventualmente virar notícia. O jornalismo investigativo está presente, geralmente, nas reportagens de amplo investimento de apuração, ou seja, aquelas que exigem entrevistas, análise direta, busca por documentos e provas.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Graduanda do quinto período, do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: andy_the_pink_girl@hotmail.com.

³ Graduando do quinto período, do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: luizezarcordeiro@yahoo.com.

⁴ Graduanda do quinto período, do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: vanessa.alvesd@hotmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Jornalista, mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas e doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia, professora adjunta do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: anacristina@faced.ufu.br.



Matérias com grande impacto popular costumam ser temas de grandes reportagens que utilizam as técnicas do jornalismo investigativo. No dia 07 de abril de 2011, ocorreu o evento que a mídia brasileira denominou como “Massacre em Realengo”, uma chacina cometida por Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, e que vitimou 12 crianças e adolescentes da Escola Municipal Tasso da Silveira, no bairro de Realengo, Rio de Janeiro.

Objetivamos com este estudo compreender quais métodos auxiliam na construção da matéria investigativa em jornalismo impresso. Além disso, pretendemos discutir a importância do uso desses métodos para a redação de textos de investigação. Para tanto, será analisado como as revistas semanais *Época*, *IstoÉ* e *Veja* utilizaram a metodologia de construção de conteúdo investigativo na cobertura do “Massacre de Realengo”.

Para isso, o presente artigo é iniciado com uma fundamentação teórica acerca de termos essenciais para análise do conteúdo posto neste estudo, tais como: jornalismo impresso e jornalismo investigativo. Em seguida, apresenta a metodologia utilizada para analisar as matérias nas revistas escolhidas. Logo após, descreve as análises dos resultados que permitem classificar as reportagens como investigativas. Por fim, nas considerações finais, busca refletir sobre o espaço do jornalismo investigativo na mídia brasileira, especificamente, no veículo revista com suas características.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Leandro Fortes, no livro *Jornalismo Investigativo* (2005), menciona que a investigação, graças à modernidade, foi se transformando em uma área de crescente especialização, ganhando cada vez mais espaço no jornalismo brasileiro. Com o intuito de entender essa nova área, é preciso desconsiderar a concepção simplista de que todo jornalismo é investigativo.

O jornalismo investigativo é caracterizado por ser mais complexo e por exigir muito trabalho. Esse tipo de jornalismo não pode ser comparado ao jornalismo que é realizado diariamente nas redações, na medida em que ele demanda habilidade, tempo, paciência, dinheiro e sorte (FORTES, 2005).

Fortes explica passo a passo como fazer uma reportagem investigativa. Dentre os pontos, destaca-se a realização de uma “pesquisa minuciosa”. O autor atenta para o fato de a investigação estar pautada não apenas na curiosidade do repórter, mas que ele encare a reportagem realmente com um olhar de detetive (cf. FORTES, 2005). A partir disso, o olhar

do repórter vai “descobrir em qual brecha da investigação cabe uma notícia” (FORTES, 2005, p. 31).

Além disso, para se descobrir a tal brecha em uma entrevista, num fato aparentemente normal, são necessárias ao repórter investigativo paciência e concentração, haja vista que, na maioria das vezes, a investigação demanda tempo. Fortes deixa claro que curiosidade e desconfiança devem ser qualidades de um repórter investigativo, já que o olhar jornalístico, que é diferenciado, passa pelo constante questionamento dos fatos. O autor atenta, ainda, para outras características que, segundo ele, devem ser inerentes ao repórter investigativo: frieza, objetividade e precisão.

Maria Cecília Guirado, no artigo “Busca e transcrição no processo de reportagem” (2011), também procura mostrar como se deve transcorrer uma efetiva reportagem investigativa. Primeiro, é necessário “perceber o fenômeno” (2011, p. 1), evidenciando a capacidade do jornalista em “ponderar se o assunto é pertinente aos interesses da sociedade” (2011, p. 2). Ela recomenda a especificidade do repórter, para que “o texto publicado leve informações importantes para os leitores daquele universo” (2011, p. 6).

Guirado afirma ainda que é necessário “ir além dos princípios da pauta” (2011, p. 6). Ou seja, utilizar a pauta como guia, mas não se ater exclusivamente a ela. O repórter deve “consultar olhares diferentes sobre o mesmo evento” (2011, p. 7), sondando várias fontes e tornando fortes, argumentos fracos, enquanto se busca a verdade, o motivo, no trajeto da investigação.

Com o intuito de descobrir se as reportagens sobre “O massacre em Realengo” utilizam o jornalismo investigativo, foram observados os seguintes itens propostos por Adriana Santana no artigo “O repórter e o jornalista cordial: sobre o papel da apuração no jornalismo” (2011): 1) Consulta a mais de uma fonte, de instâncias diferentes do fato; 2) Ir além das informações oficiais; 3) Utilização de declarações realizadas via entrevista do próprio veículo; 4) Pauta própria; 5) Contextualização dos fatos; 6) Cruzamento de dados, confrontamento de pontos de vistas; 7) Informações além das básicas/ riqueza de dados; 8) Elementos de descrição/narração pormenorizados; 9) Fuga do tradicional; e 10) Enxergar além dos números oficiais. Além deles, pela observação preliminar dos pesquisadores, foi acrescido, ainda, o item “Busca por documentos”, que também orientou a análise.

No primeiro item, Adriana Santana (2011), ressalta que é necessário “ouvir a todos ou, ao menos, a maior quantidade possível de ‘lados’ a respeito de uma questão.” (2001, p. 128). No segundo item, não se deve “restringir à consulta e utilização de dados repassados por



organizações credenciadas a falar sobre determinadas instituições. Entram aqui as assessorias de imprensa, os assessores jurídicos, os porta-vozes oficiais, entre outros.” (2011, p. 129). No terceiro, ela afirma a necessidade de se usar as “aspas”, pois elas “têm a função clara de repassar uma visão bem específica e demarcada do tema.” (2011, p. 129).

Já sobre o quarto item, Santana (2011) afirma que “o uso de release como fonte primária, e por vezes única, de informação, reduz sobremaneira a probabilidade de se alcançar outros vieses – igualmente relevantes – ao respeito do tema a ser reportado.” (2011, p. 129). No quinto, ela diz que é preciso contextualizar os fatos, caso contrário, “pode levar, em primeira instância, a dificuldades de compreensão.” (2011, p. 130). No sexto, é mencionado que “o simples uso de pontos de vista diversos de fontes numa matéria não garante, por si só, uma genuína disponibilização de ângulos diferentes de um mesmo fato.” (2011, p. 130).

No sétimo item, Santana esclarece que “a falta de elementos como dados, depoimentos, documentos, além de dificultar a montagem da reportagem em si, também significa apresentar um produto final ‘fofo’, sem amarrações e que, ainda por cima, tornará a matéria desinteressante” (2011, p. 130). No oitavo item, é possível ver que o jornalismo investigativo exige “uma observação cuidadosa e posterior narração igualmente rica como condição-base para a realização de reportagem” (2011, p. 131).

Já no nono item, a autora explica que “correr por um caminho pelo qual ninguém havia se preocupado em percorrer, fugir da *via crucis* tradicional das apurações, deixar espaço a ‘sacadas’ geniais, não é, de maneira alguma, tarefas das mais fáceis a serem empreendidas em meio à tirania do fechamento e do excesso de pautas” (2011, p. 131). No décimo item, Santana afirma que “ir além do que o tratado e distribuído à imprensa pelas instituições como mais importante, antes de ser um ‘tiro no escuro’, tem a chance de revelar notícias de peso” (2011, p. 132).

Por fim, o décimo primeiro item, norteador da presente análise, mostra que uma reportagem investigativa, de acordo com Fortes (2005), “exige mais tempo e paciência para pesquisas, entrevistas, observação direta, checagem e recheagem – a busca obsessiva por documentos e provas” (2005, p. 14). Por isso, tendo em vista as reportagens selecionadas sobre “O massacre em Realengo”, que utilizam documentos, é pertinente acrescentar a busca por documentos como um dos itens para identificar a existência do jornalismo investigativo.

É relevante pensar que, quanto maior é o uso de tais elementos investigativos, mais informações importantes serão obtidas na matéria. Com isso, aumenta-se a probabilidade de textos mais enriquecidos e esclarecedores.



3. METODOLOGIA

Para este artigo, foram analisadas três edições do suporte revista. São elas a edição 2212, do dia 13 de abril de 2011, da *Revista Veja*, que tem por chamada de capa “O monstro mora ao lado”; a edição 673, do dia 09 de abril de 2011, da *Revista Época*, a qual possui como manchete “Vou matar vocês. Não adianta fugir”; e a edição 2161, do dia 13 de abril de 2011, “ ‘O terror chega à escola’ ”, da *Revista IstoÉ*. A escolha de tais veículos para a presente análise deve-se ao fato de serem *Veja*, *Época* e *IstoÉ* as principais revistas semanais de informação geral no espaço midiático brasileiro atual.

Foi selecionado o episódio “Massacre em Realengo” pelo seu caráter recente no momento de planejamento da presente pesquisa. Um ex-aluno de uma escola municipal da cidade de Realengo, Tasso de Oliveira, no Rio de Janeiro, retornou ao colégio com o pretexto de pegar seu histórico escolar e assassinou doze crianças, deixando outras feridas. Após o crime, o autor dos disparos cometeu suicídio.

Boa parte dos veículos do país dedicou-se, então, a encontrar o real motivo pelo qual Wellington Menezes teria agido com tamanha crueldade. Cientes de que um trabalho investigativo seria realizado por parte das revistas analisadas, os autores deste artigo consideraram por bem avaliar de que maneira isso seria feito.

A fim de verificar a utilização do jornalismo investigativo nas abordagens do fato já descrito nas revistas consideradas, os autores se ancoraram na metodologia proposta pela jornalista Adriana Santana em seu artigo “O repórter e o jornalista cordial: sobre o papel da apuração no jornalismo” (2011), mencionada no item anterior. Santana apresenta 10 itens que asseveram a presença de jornalismo investigativo nas reportagens e que foram selecionados para a presente análise: 1) Consulta a mais de uma fonte, de instâncias diferentes do fato; 2) Ir além das informações oficiais; 3) Utilização de declarações realizadas via entrevista do próprio veículo; 4) Pauta própria; 5) Contextualização dos fatos; 6) Cruzamento de dados, confrontamento de pontos de vistas; 7) Informações além das básicas/ riqueza de dados; 8) Elementos de descrição/narração pormenorizados; 9) Fuga do tradicional; e 10) Enxergar além dos números oficiais. Além deles, pela observação preliminar dos pesquisadores, foi acrescido, ainda, o item “Busca por documentos”, que também orientou a pesquisa. Foram elaboradas fichas de análise para cada uma das revistas com os 11 parâmetros descritos acima.

4. ANÁLISE



A partir dos elementos indicadores de jornalismo investigativo já mencionados, verifica-se que as três reportagens, as quais abordam o “massacre” na Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo/RJ, presentes nas revistas *Época*, *IstoÉ* e *Veja* foram construídas com a utilização de elementos que podem ser classificados como investigativos.⁶

Encontramos dez parâmetros comuns entre os três veículos analisados. Houve, em todos os casos, consulta a mais de uma fonte. Podemos citar, por exemplo, as fontes utilizadas pela *Revista Veja*: ex-colega, parentes e vizinhos de Wellington Menezes; um dos colegas da fábrica de embutidos em que ele trabalhou; um primo; o presidente da União Nacional das Entidades Islâmicas, Jamel El Bacha; a direção da Polícia Federal; um grupo de cinco estudantes (da escola municipal Tasso da Silveira); a Polícia, entre outras.

Na *Revista Época*, é possível encontrar as seguintes fontes: os pais das vítimas; o aluno Mateus Moraes; a estudante Jady Ramos de Araújo; a coordenadora de Ciências Humanas e Sociais da Unesco no Brasil, Marlova Noletto; o criminologista alemão, Frank Robertz; as alunas Vitória Souza e Isabela da Silva; o Sargento da Polícia Militar, Márcio Alexandre Alves; o carteiro Hercilei Antunes; o secretário estadual de Saúde do Rio de Janeiro, Sergio Cortes, entre outras.

Já as fontes usadas pela *Revista IstoÉ* foram: as alunas Stephany da Silva, Renata Rocha, Luciana Araújo, Brenda Rocha Tavares; o pedreiro Nilson Rocha; mãe de uma aluna, Andréia Tavares; o carteiro Hercilei Antunes; três policiais militares e o sargento Márcio Alves; o aluno Mateus do Moraes; o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral; a dona de casa Luciana Gonçalves; o desempregado Leonardo de Andrade; o aposentado Luis Alberto Coelho Barros; o prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, entre outras.

Os produtores das reportagens procuraram obter informações além das oficiais, bem como explicitaram uma riqueza de dados. A *Revista IstoÉ*, por exemplo, traz informações tais como: a análise da irmã sobre as possíveis causas do comportamento de Wellington, que estaria sendo influenciado por um extremismo religioso: “ ‘Minha religião é Alá, quero derrubar o Cristo Redentor’, disse, mais de uma vez, ao irmãos”. A *Revista Veja*, por sua vez, revela a seguinte informação: “Um dos colegas da fábrica de Embutidos em que ele trabalhou até agosto do ano passado como auxiliar de almoxarifado conta que o atirador costumava rabiscar no papel bonecos que dizia serem homens-bomba.” (BRASIL; DINIZ; SEGALLA, 2011, p. 83). Já a *Revista Época* mostra uma análise feita pela coordenadora de Ciências Humanas e Sociais da Unesco no Brasil, Marlova Noletto, sobre a tragédia em Realengo: “É

⁶ Os resultados detalhados estão em tabela anexa, no final do artigo.

um episódio novo no Brasil. E mais dramático ainda por ter sido em uma escola, um território sagrado.” (MENDONÇA; MEIRELES, 2011, p. 97).

As revistas utilizaram declarações realizadas via entrevista ao próprio veículo, possível de se observar, por exemplo, na *Veja*: “Na maioria dos casos, havia motivos para preocupação. As características eram muito parecidas com as dos agressores, contou Langman a VEJA” (BRASIL; DINIZ; SEGALLA, 2011, p. 94); “Um grupo de cinco estudantes disse a VEJA ter ouvido Wellington afirmar em meio ao massacre que não queria matar meninos.” (BRASIL; DINIZ; SEGALLA, 2011, p. 84).

As reportagens também contextualizaram os fatos e fugiram do tradicional, visto que as três revistas citam fatos semelhantes que aconteceram em escolas em todo o mundo, a maioria nos Estados Unidos. Além disso, os três veículos trazem quadros descrevendo passo a passo do “Massacre em Realengo”. Ademais, o *lead* e *sublead* de todos os suportes inteiram o leitor do ocorrido e expõem, em adição, infográficos que permitem uma melhor ilustração do fato.

O cruzamento de dados, possibilitando um confronto de pontos de vistas, também foi um parâmetro adotado pelas três revistas. A revista *IstoÉ*, por exemplo, traz a opinião do psiquiatra José Thomé afirmando que o caso de Wellington é de psicose; enquanto a professora Dorotéia culpa sua classe profissional por não ter dado ao rapaz a atenção necessária quando ele precisou.

A *Época* expõe a opinião da moradora de uma das casas próximas a da casa de Wellington Menezes, Elba Lira e de um vigilante da empresa onde Menezes trabalhava. A primeira, de acordo com essa revista, acredita que Wellington era normal: “Embora ficasse muito fechado no quarto, nunca vi nada que chamasse a atenção ou que nos mostrasse que ele era mau, diz Elba” (MENDONÇA; MEIRELES, 2011, p. 102). O segundo faz a seguinte declaração acerca do assassino: “Queria conhecer tudo, me perguntava, pedia para segurar o revólver que eu usava no trabalho. Eu não deixava, claro. Sabia que era meio biruta” (MENDONÇA; MEIRELES, 2011, p. 102).

Já a *Veja* cita um estudo feito pelo Serviço Secreto Americano sobre os perfis dos assassinos de escolas: “Do ponto de vista psicológico, a pesquisa revela que 61% tem histórico de depressão, sede de vingança e tendência suicida” (BRASIL; DINIZ; SEGALLA, 2011, p. 95), e, logo após, traz a fala de um dos autores da pesquisa, o psicólogo Randy Borum, da Universidade do Sul da Flórida: “É preciso frisar que nada disso é determinante. Ninguém entra numa escola disparando tiros só porque sofreu *bullying*. Ser deprimido ou ter

um distúrbio mental também não detona esses atos” (BRASIL; DINIZ; SEGALLA, 2011, p. 95).

A utilização de elementos de descrição foram também outros itens utilizados nas reportagens, com o intuito de construir a narrativa das matérias investigativas. Tanto *Veja*, quanto *Época* e *IstoÉ* trazem em suas reportagens quadros ilustrativos acerca do “Massacre em Realengo” e outros casos semelhantes. Esses veículos mostram os perfis de todas as crianças vítimas do assassino Menezes.

Em relação ao parâmetro “busca por documentos”, é possível observar que apenas as reportagens contidas nas revistas *Época* e *Veja* procuraram utilizar documentos como histórico escolar do assassino Wellington Menezes de Oliveira, 23 anos, e a carta deixada pelo mesmo antes de cometer o massacre. A revista *IstoÉ* não utilizou nenhum tipo de documento.

Por último, verifica-se que o item “pauta própria” não se aplica a nenhuma das três reportagens, na medida em que elas tratam do mesmo assunto. O “Massacre em Realengo”, por ter sido um acontecimento de repercussão nacional e internacional, foi motivo de pauta em diversas notícias e reportagens, em diferentes mídias, por fazer pauta da agenda midiática no período⁷.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, o objetivo foi analisar se as reportagens acerca do tema “O massacre em Realengo”, das revistas *Época*, *IstoÉ* e *Veja*, foram construídas com a utilização de ferramentas do jornalismo investigativo. Para esse estudo, os autores se ancoraram no livro de Leandro Fortes (2005) e nos artigos de Maria Cecília Guirado (2011) e Adriana Santana (2011). Com o intuito de definir e caracterizar o jornalismo investigativo foi utilizado Fortes; e para estabelecer parâmetros que identificam a utilização de tal jornalismo, a pesquisa se apoiou em Guirado e Santana.

Concluídas as análises das publicações, é possível afirmar que em todas as reportagens houve o uso de ferramentas investigativas. Ainda que a tragédia na Escola Municipal Tasso da Silveira tenha sido agendada nas três revistas e, portanto, que *Época*, *IstoÉ* e *Veja* não apresentem o item “Pauta própria”, descrito na metodologia, consideramos que tal constatação não exclui o caráter investigativo das matérias.

⁷ De acordo com Mauro Wolf (2009), na agenda midiática, a mídia estabelece a pauta para a opinião pública, ao ressaltar determinados temas e desconsiderar, ocultar ou ignorar outros assuntos. O autor denomina esse processo de Agenda Setting.



Embora a análise realizada tenha caráter exploratório, com corpus limitado, os resultados oferecem pistas importantes para realização de futuras reflexões. Os autores esperam ter fornecido dados suficientes para caracterizar a importância de se verificar a existência ou não da investigação efetiva nas informações que se busca na mídia, diariamente. E ainda, acreditam ter demonstrado a importância do uso de tais métodos investigativos para uma apuração criteriosa e um produto jornalístico de qualidade.



6. REFERÊNCIAS

BRASIL, Sandra; DINIZ, Laura; SEGALLA, Vinicius. *Cruel, Aterrador e Inexplicável*. In: **Revista Veja**, São Paulo: Abril, 2212, abr. 2011, p. 80-100.

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005.

GUIRADO, M.C. *Busca e transcrição no processo de reportagem*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/17355/1/R1409-1.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2011.

MENDONÇA, Martha; MEIRELES, Maurício. *Terror na escola: O massacre de Realengo reproduz no Brasil o horror dos ataques covardes a crianças indefesas*. In: **Revista Época**, São Paulo: Globo, 673, abr. 2011, p. 90-108.

PRADO, Adriana; AQUINO, Wilson. *O que aconteceu naquelas salas de aula: A chacina que matou 12 estudantes e feriu outros 12 em uma escola carioca atinge toda a sociedade e pode deixar a marca de medo em um geração*. In: **Revista IstoÉ**, São Paulo: Três, 2161, abr. 2011, p. 68-88.

SANTANA, Adriana. *O repórter e o jornalista cordial: sobre o papel da apuração no jornalismo*. **Anais...** XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal/RN, 2 a 6 de setembro de 2008. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=9822>>. Acesso em 22 abr. 2011.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Tradução: Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Presença, 2009.



7. ANEXOS

Anexo I - Tabela dos operadores de análise

Operadores de análise	Revista Isto É	Revista Época	Revista Veja
Edição analisada	13 de abril de 2011	09 de abril de 2011	13 de abril de 2011
Matéria sobre o fato:	01 matéria Informativas: Sim - Reportagem Opinativas: Não	01 matéria Informativas: Sim - Reportagem Opinativas: Não	01 matéria Informativas: Sim - Reportagem Opinativas: Não
Consulta a mais de uma fonte, de instâncias diferentes do fato:	Sim	Sim	Sim
Além das informações oficiais:	Sim	Sim	Sim
Utilização de declarações realizadas via entrevista do próprio veículo:	Sim	Sim	Sim
Pauta própria:	Não	Não	Não
Contextualização dos fatos:	Sim	Sim	Sim
Cruzamento de dados, confronto de pontos de vistas:	Sim	Sim	Sim
Informações além das básicas/ riqueza de dados:	Sim	Sim	Sim
Elementos de descrição/ narração pormenorizados:	Sim	Sim	Sim
Fuga do tradicional:	Sim	Sim	Sim
Enxergar além dos	Sim	Sim	Sim



números oficiais:			
Busca por documentos:	Não	Sim, como histórico escolar e carta.	Sim, como histórico escolar e carta.